

PROCEDIMENTOS LÚDICOS E CULTURA

Carmen Maria Aguiar¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o procedimento lúdico presente no processo de transmissão de conhecimentos e de socialização em uma comunidade específica. Em grande parte responsável pela sobrevivência dos membros e manutenção da cultura da comunidade, esse processo já atravessa algumas gerações e tem como âncora os afazeres cotidianos. Permeando esses afazeres, existe uma atitude descontraída, um espaço aberto para diferentes brincadeiras e algazarras, que convivem com as atividades sem prejudicar seus objetivos. O que parece ser sério pode tomar dimensões 'lúdicas', como se pudessem se entreter constantemente durante suas atividades diárias. Isto não significa, entretanto, que a 'postura lúdica' traduza uma intenção, ou uma estratégia pedagógica dos adultos para transmitir conhecimentos aos mais jovens. As brincadeiras, na verdade, retratam uma forte característica do espírito desse grupo e, desvinculadas ou associadas a seus afazeres, servem de canal privilegiado para importantes ensinamentos, além de amenizar e compartilhar a dureza que acompanha o seu dia-a-dia. Os laços culturais são também reforçados por festejos e danças. É justamente nessa dinâmica das relações sociais que as crianças aprendem papéis, lugares e valores sociais. Aprender o que e quando dizer ou ocultar. Vão aprendendo tanto esquemas de sobrevivência quanto esquemas interpretativos da realidade em que estão inseridos.

INTRODUÇÃO

A educação e os processos educativos não são isolados das concepções sociais e culturais; ao contrário, entre eles existe uma forte interação, de onde brotam idéias, tipos humanos, regras, valores, modos de viver e de interpretar a vida. Nesse sentido, a educação extrapola os conceitos de ensino e aprendizado escolar, demarca caminhos para a organização da vida em grupo e para a transmissão da cultura, e pode ocorrer em diferentes lugares e de modos variados. Além disso, depende de uma ação contínua de renovação para processar quantidades crescentes de informações, cuidando também para que elas passem por um 'filtro' de qualidade.

Conhecer diferentes culturas, os modos como entendem, administram, processam e organizam a educação é um meio de desvendar, aprender e refletir sobre outras formas de ação educativa e, desta maneira, contribuir para reforçar, ou desenvolver, o caráter dinâmico e fértil que

sempre deveria pautar os processos educacionais adotados em nossa própria cultura. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o procedimento lúdico presente no processo de transmissão de conhecimentos e de socialização em uma comunidade específica, conhecida nas povoações vizinhas como o 'povo da Barra', que vive semi-isolada numa localidade denominada Barra da Aroeira, na região Norte do Brasil. Em grande parte responsável pela sobrevivência dos membros e manutenção da cultura da comunidade, esse processo já atravessa algumas gerações e tem como âncora os afazeres cotidianos.

O dia-a-dia do 'povo da Barra' está marcado por atitudes ou procedimentos, que poderíamos chamar genericamente de 'postura lúdica'. Seus membros enfrentam as graças e as desgraças de suas próprias vidas quase sempre com muito bom humor, numa atitude — convém destacar, incomum entre os moradores da região — aparentemente despreocupada, o que faz com que os estranhos, seus próprios vizinhos, freqüentemente se refiram a eles como um "povo sossegado, vadio". Além desse comportamento, que permeia todos seus afazeres diários, observam-se também diversas atividades lúdicas.

COTIDIANO E PROCEDIMENTOS LÚDICOS

Para Prado (1991, p. 37), atividade lúdica "(...) de um modo geral, é uma atividade vista como uma ocupação voluntária, livre e prazerosa, sem finalidades utilitaristas, mas com um fim em si mesma e com função vital, social e cultural importante. Ocorre num espaço e tempo determinados, com orientação própria, que ultrapassa as necessidades materiais imediatas do cotidiano e os limites da realidade física (...)"

Esta definição de Prado se aplica a uma parte das atividades desenvolvidas pelo 'povo da Barra', os jogos e brincadeiras. Mas o que salta à vista, em primeiro lugar, dentre os hábitos que definem o modo de vida dessa comunidade e que marcam o seu cotidiano, é o que podemos chamar de 'espírito lúdico' — uma espécie de convivência pacífica, e ao mesmo tempo dinâmica, entre o trabalho (entendido como as atividades essenciais para o atendimento de suas necessidades diárias, portanto com 'finalidades utilitaristas') e as brincadeiras; uma atitude alegre e jocosa que permeia suas atividades cotidianas; ou, poder-se-ia dizer, eles trabalham e brincam ao mesmo tempo.

As brincadeiras, inclusive aquelas das quais participam adultos e crianças juntos, podem ser observadas nos diferentes afazeres. Voltando do roçado, por exemplo, ao passar por um grupo de crianças brincando com um bodoque, alguns adultos pararam para conferir a eficiência do objeto e convidaram as crianças para irem até o mato

² Profa. Dra. do Departamento de Educação Física - IB/Unesp - Rio Claro.

enfrentar algum bicho. Dois dos adultos deram meia volta e seguiram com as crianças. Parece não ser exagero afirmar que, entre os moradores da Barra, *"mesmo as atividades que visam à satisfação imediata das necessidades vitais, como por exemplo a caça, tendem a assumir uma forma lúdica"*. (Huizinga, 1980, p. 53)

Quando o grupo que saiu para caçar com bodoque retornou à noitinha, muitos moradores, como é de costume, estavam sentados nas proximidades de suas casas e perguntavam, não pelo resultado da caça, mas sim pela eficiência do bodoque. Seu interesse era obter informações sobre a competência das crianças em fazer, e utilizar (saber atirar, ter boa pontaria), um importante objeto de caça ou de luta, freqüentemente utilizado por eles. Não é difícil perceber, dessa forma, que permeia seus afazeres um espaço bastante amplo para o 'exercício lúdico', isto é, para a transmissão de conhecimentos às crianças através das brincadeiras — portanto, um espaço também 'pedagógico'.

Seja durante o trabalho no roçado, nos mutirões, na coleta de frutas, fica evidente que o compromisso e a desobrigação convivem juntos. As regras estabelecidas para a convivência social revelam um aspecto importante na cadeia que compõem as relações socioculturais: não existe uma contraposição entre trabalho e 'espírito lúdico'; os dois convivem juntos, sem que seja atribuída maior importância a apenas um deles.

A forma de organizar suas atividades diárias proporciona um intenso contato entre os moradores da Barra. Ora estão cuidando dos afazeres diretamente ligados ao núcleo familiar, ora estão envolvidos com problemas mais gerais, da comunidade. Em qualquer caso, seja durante o plantio nos roçados, nos cultos religiosos, no mutirão de fiação do algodão ou na confecção de artesanatos, é comum encontramos um tom de descontração. Seja por alguma graça ou desgraça ocorrida. Sempre um ou outro interpreta os fatos como algo jocoso. E perdura a algazarra, muita risada e brincadeiras de todo tipo. Mesmo com as pessoas mais 'sérias' ou menos extrovertidas. Neste caso, às vezes elas saem de perto; quando voltam, não aparentam mágoa. Há casos em que os motivos para o descontentamento, individual ou coletivo, são evidentes e fortes o suficiente até para gerar brigas. Brigam, até de facadas, mas ao final, ou mesmo no meio da desavença, reina uma espécie de regozijo. Agem como se a postura menos séria diante dos problemas ajudasse por si mesma a superá-los.

Os critérios para a utilização do espaço físico, onde executam suas atividades, também denotam a forma como encaram suas ocupações diárias. Seguem quase sempre o que ditam as condições imediatas. Os utensílios de barro, por exemplo, podem ser modelados no quintal, ao redor de uma das casas, ou nas proximidades do local de onde foi retido o barro. A 'igreja' ou capela, uma construção feita especialmente, por sugestão das freiras que freqüentam a Barra, para local dos cultos religiosos pode servir também de recinto para reuniões ou mesmo apenas para as crianças

brincarem durante horas, e não é incomum encontrarmos adultos participando.

Muitas cenas de sua vida cotidiana nos remetem a Clastres (1986). O riso, o espírito jocoso, serve freqüentemente como instrumento de crítica e avaliação do desempenho, numa espécie de seleção das atitudes ou comportamentos mais adequados a determinado tipo de atividade que se queira exercer. Na Barra, quando caçam um animal, este muitas vezes serve de representação comparativa com as pessoas. À medida que vão limpando o animal, surgem variadas brincadeiras, numa espécie de reconstrução de detalhes da caçada em que evidenciam as corridas, as quedas, os erros de alvo. Desse modo, durante a limpeza do animal para o consumo até a preparação total do alimento, as pessoas selecionam ou mesmo identificam os caçadores mais ágeis e com melhor pontaria.

Não é o caso de questionar o que os faz rir, considerando ser prudente não discutir valorativamente o gosto por algo. O que vale ressaltar é que, em seu cotidiano, os aspectos lúdicos estão quase sempre presentes. Uma senhora, durante uma conversa com um grupo de cinco mulheres, estava contando, expressando muito pesar, a morte do marido. Durante todo o tempo soube receber as críticas e as risadas das outras a respeito de sua história e mesmo de sua dor.

Muitas vezes percebe-se que as brincadeiras traduzem, além das críticas, carinho, respeito e mesmo um certo empenho em mudar (ou ajudar alguém a mudar) uma determinada situação. Sem tom de represálias, quase todos estão sempre dispostos a apenas dar sua opinião, em variadas circunstâncias, sem colocar em discussão se tal coisa está correta ou não. A 'avaliação moral', como poderíamos chamar de forma bastante livre a prática de se questionar o acerto ou não de determinada atitude, parece ficar a cargo de cada pessoa na Barra. Trata-se de uma maneira de entender e interpretar a vida.

De modo geral, pode-se dizer que para o 'povo da Barra' o tempo está dividido entre o roçado, os trabalhos artesanais, as atividades religiosas e domésticas, as caminhadas para a coleta de frutos no mato e os encontros no final da tarde. Permeando estes afazeres, existe uma atitude descontraída, um espaço aberto para diferentes brincadeiras e algazarras, que convivem com as atividades sem prejudicar seus objetivos. O que parece ser sério pode tomar dimensões 'lúdicas', como se pudessem se entreter constantemente durante suas atividades diárias.

A 'postura lúdica' não traduz uma intenção, ou uma estratégia pedagógica dos adultos para transmitir conhecimentos aos mais jovens. Pelo menos não é possível se traçar qualquer correlação desse tipo a partir dos dados coletados. Mas é justamente nessa dinâmica das relações sociais que as crianças aprendem papéis, lugares e valores sociais. Aprender o que e quando dizer ou ocultar. Não aprendendo tanto esquemas de sobrevivência quanto esquemas interpretativos da realidade em que estão

inseridos. O mesmo ocorre através dos jogos, das brincadeiras e mesmo de alguns brinquedos — que, parece incontestável, favorecem o desenvolvimento físico e intelectual dos seres humanos. Mas apresentam também outras faces, fortemente associadas aos aspectos sociais e, por que não dizer, também políticos.

Benjamin (1984, p. 75), preocupado em explorar os limites da relação entre as brincadeiras, os jogos etc. e a organização social, afirma que "*(...) é o jogo, e nada mais, que dá a luz à todo hábito. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se, devem der inculcados no pequeno irrequieto através de brincadeiras (...) todo hábito entra na vida como brincadeira, e mesmo em suas formas enrijecidas sobrevive um restinho de jogo até o final*".

Toda a atividade humana, entretanto, pressupõe algum tipo de organização que rege o fazer dos homens, estabelecidas a partir de diversos modos e critérios, com a aprovação de muitos, de alguns e às vezes de todos. Para Scheines (1991, p. 12), sem regras não há jogo e jogar significa fundar uma ordem e submeter-se voluntária e prazerosamente a ela. É precisamente a ordem lúdica que constitui ao mesmo tempo um desafio e um estímulo à liberdade do jogador.

Assim também na Barra da Aroeira, tanto adultos como crianças demonstram estarem aptos a esclarecer as regras e a dinâmica de funcionamento de suas atividades lúdicas, entendidas aqui como jogos, brinquedos e brincadeiras que ocorrem à parte de suas atividades cotidianas. A fala e o debate, em relação a essas regras, é um exercício familiar a todos. Isto significa que, quando é proposta uma atividade qualquer, os participantes demonstram conhecer as regras. E, mais do que conhecê-las, são capazes de, sempre que necessário, rediscuti-las e chegar a um acordo, a partir do qual as regras estabelecidas serão aceitas e respeitadas.

As crianças, como acontece em diversos outros lugares, conversam muito durante suas brincadeiras. Falam e debatem sobre seu andamento e sobre o regimento que está viabilizando o jogo. Pequenas alterações das regras são aceitas mediante um acerto comum entre todos os participantes, quando utilizam conhecimentos e valores sociais veiculados na sua vida diária.

Vale ressaltar que, quando as atividades são desenvolvidas apenas entre as crianças, elas mesmas antes estabelecem as regras a serem seguidas. Demonstram muita facilidade para criar mecanismos que possibilitem a execução de tais brincadeiras. Embora essas crianças sejam normalmente de muito pouca conversa (são bastante caladas), pode-se ouvir um grande falatório antes de iniciarem cada atividade, e mesmo durante sua execução.

As atividades de caráter lúdico, alguns jogos e brincadeiras, também ajudam os moradores da Barra a manter as condições físicas, aprimoram a destreza e o equilíbrio corporal, auxiliam na aquisição e manutenção de uma boa pontaria, etc. Deste modo, a maioria das

brincadeiras fornece elementos que os habilitam a enfrentar o mundo que os cerca, mostrando a importância do desenvolvimento das potencialidades do corpo. Sem deixarem de ser, muitas vezes, uma celebração que possibilita o reforço de outros elementos culturais e educativos: por exemplo, alertar os mais jovens sobre os cuidados e limites socioculturais importantes para a vida da comunidade. Diversas atividades lúdicas representam, também, um papel pedagógico ao permitir, principalmente aos mais jovens, o exercício e a avaliação dos limites da relação confiança/desconfiança e dos modos de preservação individual e coletiva. Ao mesmo tempo, o caráter grupal e cooperativo possibilita o reforço dos laços de solidariedade, parentesco e reciprocidade e ressalta a importância, para suas vidas, das ações coletivas.

Estreitando-se o foco para funções sociais específicas, pode-se destacar, dentre as várias atividades de caráter lúdico na Barra, as brincadeiras de roda — que abrem espaço para uma espécie de ritual para a conquista de parceiros — e aquelas que possibilitam o aprendizado e o exercício de composição de músicas e repentes. Versos, cantigas de roda, músicas, repentes e parlendas servem de canal privilegiado para a memorização e a transmissão de saberes, de informações sobre sua história ou sobre os antepassados, de valores e de crenças. Os moradores revelam, nessas horas, o que pensam ou sabem sobre o papel da mulher, sobre os espíritos da mata ou sobre os antigos e novos vizinhos. Brincam, contam e cantam os seus dias, exercitando, através desses procedimentos, o convívio sociocultural e a sociabilidade, e refletindo, desse modo, sobre os fatos do cotidiano.

JOGOS E BRINCADEIRAS

Existe uma enorme quantidade de definições para jogos e brincadeiras. Por isso, ao direcionar a organização dos dados empíricos, convém priorizar alguns conceitos, para evitar a dispersão por uma infinidade de caminhos. Na pesquisa abordada neste capítulo, buscando refletir as especificidades do modo de vida da comunidade, foram tomadas como ponto de partida as definições atribuídas pelo próprio 'povo da Barra' ao jogo, ao brinquedo e à brincadeira.

Este trabalho está centrado nas atividades que se configuram como lúdicas — sejam as realizadas no 'tempo livre' (quando as pessoas estão apenas brincando), ou aquelas articuladas com o trabalho e com os cultos religiosos — enfim, nas atividades normais do seu cotidiano e que, freqüentemente, agregam elementos lúdicos.

Assim como não demonstram ter consciência dessa integração entre os elementos lúdicos e suas atividades cotidianas, os moradores da Barra também não conseguem expressar verbalmente os motivos que os levam a explorar o espaço físico durante uma brincadeira. Embora, para o observador externo, seja evidente a movimentação expressiva e coordenada dos participantes. Para autores

como Mauriras-Bousquet (1991), a ‘consciência’ não parece ser fator fundamental num processo em que as atividades lúdicas constituem o fundamento, ou a origem, do progresso e da evolução cultural.

Este autor (1991, p. 5) diz que "(...) *Não é a seriedade, mas a brincadeira, a curiosidade e a exploração gratuita — fatores de criação e de invenção — que constituem o fundamento dos mitos, dos ritos da vida em sociedade e da própria ciência. Alguns grandes cientistas — como Kepler, Ampère, Darwin, Gauss, Pasteur, Max Well, Planck, Poincaré e Einstein — explicaram que no momento da descoberta sentiam o prazer e a excitação de uma criança brincando. Se a pesquisa fundamental em que esses homens se destacaram é a mãe da tecnologia moderna, devemos admitir a idéia, à primeira vista paradoxal, de que o progresso e a cultura tem uma origem lúdica*".

Para os moradores da Barra, o jogo, para ser considerado como tal, deve apresentar algumas características que lhe são próprias. Deve, por exemplo, contar com a participação de mais de uma pessoa. Nele pode haver ou não um objeto auxiliar. Para eles, as crianças podem aprender, através dos jogos, como lidar com o corpo em confronto com o outro. Desse modo, as crianças têm a oportunidade de checar suas habilidades, seu equilíbrio e força, a partir do contato com o outro. Esta atividade pode se dar apenas entre as pessoas envolvidas, isto é, apenas com a utilização do corpo ou então com o acréscimo de um objeto auxiliar. Para o ‘povo da Barra’, jogo implica quase necessariamente o choque corporal, o qual vai orientar os participantes sobre suas próprias condições físicas. E dão pouca importância para conceitos como vitória ou derrota, ganhar ou perder. Para eles, o valor do jogo não está no resultado da ‘competição’ em si mesma, mas sim na identificação dos participantes que estão melhor preparados para enfrentar a realidade de suas vidas. Ou seja, os perigos do mato, um bicho feroz, ou mesmo um estranho indesejável.

A definição de brinquedo para os moradores da Barra parece ser a mesma atribuída pelo senso comum em qualquer cultura. Pode ser um objeto qualquer, desde que utilizado para brincar. Não é o caso de procurar elementos de comparação com qualquer brinquedo de fabricação industrial, já que estes ainda não chegaram até lá onde vivem.

A brincadeira, por sua vez, tem, para o ‘povo da Barra’, um valor, ligado à sua organização social e cultural, muito diferente do atribuído aos jogos e brinquedos. Convém frisar que o termo brincadeira estará associado, a partir deste ponto, às atividades coletivas, isoladas do trabalho diário, ocupando o que poderíamos chamar de ‘tempo livre’ ou, como definem os moradores da Barra, "na falta do que fazer". Para eles, a brincadeira corresponde a uma atividade prazerosa e coletiva, da qual participam, na maioria das vezes, adultos e crianças. Os adultos estão sempre tão dispostos a brincar, que apenas em raras ocasiões

não parte deles a iniciativa e a coordenação dessas atividades.

Na opinião quase unânime daquelas pessoas, trata-se de uma atividade intensa e coletiva. Serve principalmente para manter unidos os membros da comunidade. Algumas brincadeiras, particularmente as de roda, acompanham sua vida desde os tempos dos primeiros membros da família Rodrigues. É uma forma de estarem juntos, deixando fluir a alegria e espantando a tristeza.

Para eles, algumas brincadeiras envolvem, em alguns momentos especiais, uma boa dose de seriedade. São ocasiões em que elas, na verdade, revestem rituais importantes, como a escolha do parceiro ou parceira para o casamento, bastante comum durante as brincadeiras de roda. Nunca é demais frisar que, na Barra da Aroeira, a brincadeira não é privilégio de algum sexo ou faixa etária; todos, mulheres, homens e crianças participam de forma indiscriminada. Isso possibilita aos adultos ‘organizar’ o ritual, quando a brincadeira assume esse caráter.

A brincadeira na Barra reúne uma diversidade de tipos de atividades, como parlendas (versos recitados), cantigas, pega-pega, corridas, brincadeiras de roda, e outras semelhantes às brincadeiras de rua comuns nas áreas urbanas ou rurais de grande parte das cidades do interior do Brasil. Uma diferença fundamental está no fato de o ‘povo da Barra’ atribuir um sentido especial aos contatos físicos, como os abraços, e aos versos dedicados especialmente para uma determinada pessoa. Como todos se conhecem e existe um espírito solidário, a descoberta do interesse entre dois jovens, ou mesmo entre dois adultos, pode-se dar publicamente, sem grandes constrangimentos. Os afagos e demonstrações de carinho são aceitos e retribuídos sem que haja temeridade entre os participantes.

Todos concordam que as brincadeiras lhes trazem benefícios, que têm o poder de trazer o bem e o prazer aos participantes, e mesmo — como ocorre de fato, no caso dos acertos de casamento — abrir um caminho novo em suas vidas. Cruzando-se os diversos depoimentos, pode-se concluir que tanto o trabalho quanto as brincadeiras (no sentido específico aqui tomado) agregam potencialidades de igual importância para todos; ambos fazem parte das ações humanas, na busca da satisfação de suas necessidades.

Para ampliar a compreensão de um dos aspectos mais representativos da cultura do ‘povo da Barra’, a função social das brincadeiras, pode-se tomar como referência exemplar a presença marcante do ‘espírito lúdico’ — que, de resto, permeia praticamente todas as atividades, até mesmo as cerimônias religiosas — na informalidade do trabalho educativo estabelecido entre ‘mestre’ e ‘aprendiz’.

Na Barra da Aroeira, praticamente todos os adultos são capazes de fazer, com maior ou menor habilidade, seus objetos artesanais. Estes objetos atendem às suas necessidades; são, em geral, utensílios domésticos para o uso de sua própria família. Isto significa que sempre uma ou

outra pessoa vai estar executando alguma dessas atividades, o que possibilita de alguma forma o contato diário das crianças com esses conhecimentos. É nesse processo que se dá a transmissão dos conhecimentos dos mais velhos para os mais jovens.

Entre as várias atividades executadas pelo ‘povo da Barra’, a confecção de utensílios de barro pode ser considerada uma das mais representativas desse processo de transmissão dos conhecimentos. Aquelas que se configuram como coletivas de ensino e aprendizagem, e nas quais alguém assume o papel de ‘mestre’. Uma das mulheres, que se destaca tanto pela habilidade para modelar potes e outras vasilhas de barro quanto para ensinar essa arte para as crianças, explica que o trabalho é muito mais criativo quando dele participam muitas crianças; acabam surgindo formas variadas de se fazer os utensílios. O professor, nesse caso, não representa o único modelo disponível e as crianças podem encontrar o modo a que mais se adaptem.

Ela diz também que assim como gosta de fazer as coisas da forma que tem vontade, acredita que as crianças devem fazer algo de acordo com suas próprias idéias. Sobre essa liberdade em seu trabalho com a criança, ela acredita que a vontade de fazer e aprender algo depende somente de cada um. A capacidade para fazer as coisas já nasce com as pessoas, basta que deixem-nas fazer do jeito que acreditam, desejam, ou sejam capazes.

Observando-se essa atividade de confecção de potes — e isto vale também para outra atividade qualquer — de modo superficial, a impressão que se tem é de estar diante de uma brincadeira, com argila ou outro material, da qual participam um grupo de crianças e um adulto, ou seja, uma farra em grupo. Na verdade, trata-se de uma típica relação de ensino e aprendizagem, onde o ‘mestre’ possibilita a um grupo de crianças o contato direto com uma técnica específica.

O grupo de crianças observado, enquanto participava da modelagem do barro, apresentava condições visivelmente heterogêneas, tanto na idade cronológica quanto nas condições físicas e mentais, além das diferenças relacionadas ao grau de interesse de cada uma. Havia crianças que queriam apenas ouvir estórias e brincar com argila; outras interessadas na confecção de potes pequenos para brincar; outra precisava de um pote para buscar água. Todos esses interesses convivem juntos, sem que aparentemente um atrapalhe o outro. Como também não incomoda o fato de que nem todas as crianças participam da atividade do começo ao fim.

Em linhas gerais, essa relação entre ‘mestre’ e ‘aprendizes’, essa heterogeneidade entre os participantes, a aparente falta de compromisso com o ensino, o aspecto lúdico permeando todas as atividades; enfim, esse quadro todo que caracteriza o processo de transmissão de conhecimentos na Barra da Aroeira parece não mudar quando mudam as atividades. Seja na confecção de utensílios de palha, seja na fiação, no trabalho com o tear ou

com a madeira. Mudam as atividades, mudam os ‘mestres’, mudam os alunos. Permanece, entretanto, a dinâmica que caracteriza a relação entre ‘mestre’ e ‘aprendiz’. Onde se permite alternar trabalho/ensino com brincadeiras, estimuladas tanto pelos adultos como pelas crianças, e onde a grande quantidade de interferências ou interrupções provocadas por eventos exteriores ao processo de ensino não parece provocar qualquer transtorno.

Todos os moradores concordam que esse ‘espírito lúdico’, presente durante todo tempo em seus afazeres, não compromete a qualidade do artesanato nem a responsabilidade de cada pessoa, seja ela adulta ou criança. De qualquer modo, é visível a eficiência da relação de ensino e aprendizagem estabelecida entre ‘mestre’ e ‘aprendiz’ através da história do ‘povo da Barra’. O conhecimento envolvendo os afazeres domésticos, artesanais, religiosos e outros de cunho cultural, vem sendo transmitido há muitas gerações, sem que haja um tempo separado, definido e determinado para brincar e um outro para aprender.

Dessa forma, as relações sociais, caracterizadas por um intenso contato familiar, sempre se mostram entrecortadas por elementos lúdicos. Diferentes brincadeiras, e mesmo a interpretação dada pelos moradores aos fatos ocorridos, denotam a idéia de que manter a alegria, ou pelo menos o bom humor, ainda é uma política eficiente para atenuar os temores e manter a disposição para enfrentar o risco, a incerteza, que representa o seu futuro.

Durham (1978) aponta os aspectos lúdicos presentes no cotidiano da criança e dos adultos como elemento integrador em diferentes tipos de prática social. No caso dessa comunidade, não é privilégio de alguns poder agir, pensar e conviver com esse ‘espírito’ lúdico na sua vida diária — o que permite uma convivência pacífica, e ao mesmo tempo dinâmica, entre o trabalho (entendido como as atividades essenciais para o atendimento de suas necessidades diárias) e as brincadeiras. Não é possível traçar um limite claro, determinar uma distinção rígida, entre o tempo dedicado ao trabalho e às brincadeiras, já que ambos convivem harmoniosamente no seu cotidiano, isto é, eles trabalham e brincam ao mesmo tempo — o que parece tornar o trabalho, mesmo pesado, mais agradável e prazeroso, diminuindo o conflito, apontado por Turner (1974), entre as inclinações e desejos individuais e as necessidades coletivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, C. M. **Educação, Cultura e Criança**. Ed. Papyrus, Campinas - SP, 1994.

_____. “Educação, Natureza e Cultura: um modo de ensinar”. Tese de Doutorado. FE/USP, São Paulo - SP, 1998.

- BANDEIRA, M. L. **Território Negro em Espaço Branco**. Ed. Brasiliense, São Paulo - SP, 1988.
- BARTHES, R. **Mitologias**. Ed. Difel, São Paulo - SP, 1985.
- BENJAMIN, W. **A Criança, O Brinquedo, A Educação**. Ed. Summus, São Paulo - SP, 1984.
- BERGER, P. e LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Ed. Vozes, Petrópolis - RJ, 1973.
- BOAS, F. **Race, Language and Culture**. Macmillan Company, New York, 1940.
- BOMTEMPO, E. **Psicologia do Brinquedo**. Edusp, São Paulo - SP, 1986.
- BRANDÃO C. R. **A Cultura na Rua**. Ed. Papirus, Campinas - SP, 1989.
- _____. **O Que é Educação**. Ed. Brasiliense, São Paulo - SP, 1983.
- CANDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Ed. Livraria Duas Cidades, São Paulo - SP, 1971.
- CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Ed. Tecnoprint, Rio de Janeiro - RJ, s/d.
- CLASTRES, P. **A Sociedade Contra o Estado**. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro - RJ, 1986.
- D'EPINAY, C. L. "La Vie Quotidienne". In: Cahiers Internationaux de Sociologie, Sociologie des Quotidiennetés. Vol. LXXIV. Paris, 1983.
- DURHAM, E. **A Reconstituição da Realidade**, Ed. Ática, São Paulo - SP, 1978.
- ELIAS, N. e DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Col. Memória e Sociedade. Difel, Lisboa, 1992.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os Nuer**. Ed. Perspectiva, São Paulo - SP, 1978.
- FERNANDES, F. (org.) **Comunidade e Sociedade**. Cia. Ed. Nacional, São Paulo - SP, 1973.
- FREIRE, G. **Casa Grande e Senzala**. Ed. José Olímpio, Rio de Janeiro - RJ, 1981.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Ed. Zahar, Rio de Janeiro - RJ, 1978.
- GENOVESE, E. D. **A Terra Prometida**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro - RJ, 1988.
- HELLER, A. **A Sociologia de la Vida Cotidiana**. Península, Barcelona, 1977.
- _____. **O Cotidiano e a História**. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro - RJ, 1985.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. Ed. Perspectiva, São Paulo - SP, 1980.
- JURADO FILHO, L. C. **Cantigas de Roda**, Ed. Unicamp, Campinas - SP, 1986.
- MAURIRAS-BOUSQUET, M. **Um Oásis de Felicidade**. Correio da Unesco, Ano 19, No. 7, Jul./1991.
- MEAD, M. **Adolescência Y Cultura En Samoa**. Ed. Paidós, Buenos Aires, 1961.
- OLMOSTED, M. S. **O Pequeno Grupo Social**. Ed. USP, São Paulo - SP, 1970.
- PRADO M. M. R. Des-cobrimdo o Lúdico. Dissertação de Mestrado, FE/UNICAMP, 1991.
- SCHEINES, G. As Regras do Jogo. **Revista O Correio da Unesco**, No. 7, Ano 19, Jul./1991.
- TURNER, V. W. **O Processo Ritual**. Ed. Vozes, Petrópolis - RJ, 1974.
- VOGT, C. e FRY, P. **Cafundó: a África no Brasil: linguagem e sociedade**. Cia. das Letras, São Paulo - SP, 1996.
- VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. Ed. Martins Fontes, São Paulo - SP, 1984.

Endereço para contato:
 Departamento de Educação Física - UNESP
 Av. 24 A, 1515 Bela Vista - Rio Claro SP
 CEP 13506-900
 E-mail: aminuzzo@correionet.com.br